

MUDANÇAS NO PRÊMIO DESIGN MCB: da casa aos transportes

CHANGES IN THE MCB DESIGN AWARD: from housing to transportation

BRAGA, Marcos da Costa; Doutor; FAU USP

bragamcb@usp.br

YAMAUCHI, Meire Assami; Mestranda; FAU USP

meire.yamauchi@usp.br

Resumo

Este artigo apresenta alguns fatores que podem ter contribuído para a criação do Prêmio Design Museu da Casa Brasileira em 1986, numa instituição museológica que até aquele momento não possuía tal vocação. Analisou-se as mudanças em relação ao escopo da premiação ao longo de sua trajetória – ora restrita aos projetos do universo residencial, ora abrangendo outros segmentos de atuação do design. A partir de um levantamento histórico, realizado por meio de documentos produzidos pelo museu e pelos jurados, e complementado por entrevistas com pessoas que participaram ou foram testemunhas nestes períodos, buscou-se compreender por que estas alterações ocorreram, qual era o objetivo, a quem eram endereçadas, e se estavam relacionadas a tentativas que buscavam dar continuidade à premiação ou aumentar sua representatividade perante a produção de Design no país.

Palavras-Chave: Prêmio Design MCB; Museu da Casa Brasileira; História do design.

Abstract

This article presents some factors that may have contributed to the creation of the Museu da Casa Brasileira Design Award in 1986, in a museological institution that until that moment did not possess such a vocation, and analyzes the changes in scope throughout its trajectory, sometimes restricted to projects in the residential universe and sometimes encompassing other segments of design practice. Through a historical survey based on documents produced by the museum and the jurors, supplemented by interviews with people who participated or witnessed these periods, the aim was to understand why these alterations occurred, what the objective was, who it was addressed to, as well as to observe whether these changes were related to attempts aimed at continuing the award or increasing its representativeness in relation to Design production in the country.

Keywords: MCB Design Award; Museu da Casa Brasileira; Design History.

1 Introdução

O Prêmio Design Museu da Casa Brasileira foi criado com o objetivo de incentivar o design e a produção nacional. Possui reconhecida importância, tendo sido realizadas 35 edições entre 1986 e 2022, com poucas interrupções¹. A promoção constante desta iniciativa por uma instituição pública é bastante relevante, considerando a descontinuidade de iniciativas frente às trocas de gestão. Assim, a longevidade do Prêmio Design MCB e a credibilidade atribuída por profissionais do campo ao certame fazem com que seja importante uma reflexão sobre a sua trajetória. Como apresentado por Braga (2016b), premiações e concursos são fontes relevantes que nos possibilitam conhecer a produção material ao longo dos anos e constituem espaços sociais de legitimação e reconhecimento. É possível, por meio dessas fontes, compreender o que se esperava da atividade projetual em determinada época e local, sob ponto de vista de organizadores e jurados, bem como a resposta dos designers, empresas e indústrias às demandas identificadas na sociedade e no mercado.

Este artigo apresenta algumas reflexões derivadas de uma pesquisa de mestrado em andamento, a qual propõe investigar, a partir de uma abordagem histórica, fatores relevantes para a criação do Prêmio Design MCB e sua consolidação junto à categoria profissional dos designers. Busca-se compreender as causas e objetivos das mudanças que ocorreram ao longo da trajetória do prêmio, pautando-se sobretudo na análise das alterações estruturais nas categorias da premiação. O estudo adota a abordagem da Micro-história como método para construir e delimitar os recortes temporais e sociais da pesquisa, utilizando-se da exploração intensiva de fontes primárias, para identificar peculiaridades do objeto de estudo e suas relações com contextos mais amplos (Barros, 2007; Levi, 1992). Os documentos produzidos pela instituição e pelos jurados foram analisados considerando as recomendações de Cellard (2012), tais como: a atenção ao contexto de criação do documento, os autores, suas motivações, a autenticidade e a confiabilidade do texto, bem como a natureza do documento e o seu contexto de circulação. A pesquisa também recorre ao testemunho de diversos atores sociais envolvidos na premiação ao longo de sua existência, por meio de entrevistas semiestruturadas. Para o registro, tratamento da memória e garantia dos procedimentos éticos na coleta das informações dessas entrevistas, foi utilizada a metodologia da História Oral (Alberti, 2013; Neves, 2003).

No presente texto, apresenta-se um breve panorama dos fatores e do contexto que podem ter influenciado a definição do Museu da Casa Brasileira (MCB) como uma instituição voltada ao design, e para a criação do Prêmio Design MCB. Num segundo momento, explora-se as transformações que ocorreram no escopo do certame – que, inicialmente focado em projetos do âmbito residencial, posteriormente passou por ampliações, seja por recomendação do próprio corpo de jurados ou por influência de seus gestores, seja em resposta às demandas dos próprios designers, que se apropriaram da iniciativa e viram o Prêmio do MCB como uma forma de impulsionar e validar seus projetos. Buscou-se compreender por que estas alterações ocorreram, qual era o objetivo, e a quem eram endereçadas; além de observar se essas mudanças estavam relacionadas a tentativas que intencionavam dar continuidade à premiação ou aumentar sua representatividade perante a produção de Design no país.

¹ Em 1992 houve uma primeira interrupção em função da troca de gestão que inviabilizou a realização naquele ano. Em 2020, logo após a conclusão da seleção do cartaz da 34ª edição, o MCB anunciou o cancelamento do prêmio de produtos e trabalhos escritos em função da pandemia de Coronavírus. O 34º Prêmio foi retomado no ano seguinte, em 2021. Em abril de 2023 foi anunciado o rompimento do convênio de administração firmado entre Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo e Fundação Padre Anchieta, proprietária do casarão que abrigava o museu desde a década de 1970, de modo que as atividades do MCB foram suspensas por tempo indeterminado.

2 Contexto e possíveis influências para a criação do Prêmio Design MCB

O cenário econômico no Brasil no início dos anos 1980 não era favorável, marcado pela recessão e aceleração da inflação, impactando profundamente o poder de compra e a qualidade de vida da população. Sob o ponto de vista político, o processo de transição do regime civil-militar para o modelo democrático possibilitou a reorganização de instituições e a eleição direta para os governos estaduais, em 1982 (Mendonça; Fortes, 1996). No campo do design, houve iniciativas importantes com participação ativa do Governo Federal e do Estado de São Paulo. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) investiu em laboratórios de desenho industrial ao longo da década de 1980, fortalecendo a base acadêmica necessária para impulsionar o design (Teperman, 2004). Em São Paulo, o Núcleo de Desenho Industrial (NDI) da FIESP, fundado em 1977, passou a atuar com protagonismo em ações para promoção do design. De acordo com Braga (2016a), a criação do NDI foi uma resposta ao interesse de determinados diretores da instituição e do Governo do Estado de São Paulo pelo design, com recursos alocados pela Secretaria de Tecnologia Industrial do então Ministério da Indústria e Comércio para a sua criação (Teperman, 2004). Nos anos 1980 e 1990, o NDI tornou-se um "centro de referências para o design brasileiro por meio de exposições, seminários, mostras internacionais, organização de concursos e de inúmeras publicações" (Stephan, 2004, p. 225). Uma das ações de maior visibilidade do núcleo² foi a mostra de Desenho Industrial na exposição *Tradição e Ruptura*, coordenada pelo NDI e realizada na Fundação Bienal de São Paulo. Entre novembro de 1984 e janeiro de 1985, estiveram expostos 300 produtos³, de aproximadamente 200 empresas, selecionados a partir de consultas a profissionais, professores, entidades profissionais, instituições e personalidades da área (Mindlin, 1984), representando um importante registro da atuação dos profissionais no mercado – bem como da produção da indústria brasileira.

Ainda no contexto paulista, em 1983 a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo passou por uma reorganização e, no âmbito do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, que já contemplava doze comissões especializadas, foram criados três novos grupos: 1) Arquitetura; 2) Rádio, Televisão e Vídeo; e 3) Desenho Industrial e Artes Gráficas. De acordo com o Decreto nº 20.955, de 1 de junho de 1983, essas comissões tinham como atribuições: propor a constituição das Comissões Julgadoras do "Prêmio Governador do Estado" e "Estímulo", ou quaisquer outros que se inserissem na esfera da Comissão, opinar sobre os assuntos que fossem submetidos ao grupo, e propor estudos e sugestões no âmbito de suas competências, contribuindo para a política estadual do setor. Dentre as ações da Comissão de Desenho Industrial e Artes Gráficas, destaca-se a formulação da *Marca do Bom Desenho*⁴, desenvolvida por um grupo nomeado em 1986, do qual constam Joice Joppert Leal, Carlos Eduardo Perrone, Fabio Mestriner, Hugo Eduardo Kovadloff, Fernando Antonio Monteiro Lion, José Coelho Sobrinho e Hugo Tavares Correa. De acordo com Mestriner (2022), tratava-se de uma distinção voltada para o desenho industrial, vinculada ao Prêmio Governador do Estado⁵. O designer Hugo Kovadloff, membro da comissão e na época diretor

² De acordo com a Folha de São Paulo, publicada em 31 de janeiro de 1985, no último dia da exposição haviam sido contabilizados cerca de 120 mil visitantes.

³ Foram apresentados projetos dos mais variados setores produtivos, divididos nos grupos: Bens de capital; Brinquedos; Construção civil; Eletroeletrônica, Som e Telefonia; Iluminação; Instrumentos de precisão; Mobiliário urbano; Móveis; Têxtil; Transporte; Utilidades domésticas; Programação visual, Embalagem, Editoração gráfica; Logotipos.

⁴ Durante a realização das entrevistas com membros da Comissão de Desenho Industrial e Artes Gráficas, esta iniciativa do Bom Desenho ora foi apresentada como uma premiação, ora como marca, ora como certificado.

⁵ Existente desde a década de 1950, que tradicionalmente premiava iniciativas voltadas ao cinema, teatro, música e

da SAO, divisão de design da DPZ, foi o responsável por desenvolver uma marca gráfica, um protótipo de troféu e a diagramação do Regulamento desta premiação, todos validados posteriormente pelos demais membros. A proposta foi então apresentada ao Secretário de Cultura, Jorge da Cunha Lima, e chegou a ser oficializada em Resolução publicada no Diário Oficial em 2 de agosto de 1986 – embora não haja informações sobre se foi de fato executada. Apesar de ter ocorrido em 1986, a iniciativa apresentada pela Comissão especializada correu em paralelo à criação do Prêmio Design MCB e não está relacionada diretamente ao certame do museu, uma vez que o processo de aprovação do edital proposto pela equipe do MCB já estava em curso⁶ quando a proposta da *Marca do Bom Desenho* começou a ser discutida pela Comissão da Secretaria da Cultura. É possível que tanto a Marca quanto o Prêmio Governador do Estado (nas categorias Artes Gráficas e Desenho Industrial) não tenham sido viabilizadas por estarem, de certa forma, vinculadas a uma mesma Secretaria. Seria redundante, inclusive em termos orçamentários, implantar outras ações semelhantes, o que deve ter levado à opção pela realização do Prêmio Design pelo MCB. Cabe notar que o surgimento quase simultâneo de duas propostas de premiação de design, na mesma cidade – São Paulo – indica que o design estava em evidência na capital paulistana, e havia uma receptividade do governo daquele momento para fazê-lo.

Em 1986 também foi realizado o Congresso Espaço Design 86 – um evento internacional que ocorreu no Centro de Convenções Anhembi de São Paulo, entre 21 e 25 de julho daquele ano. De acordo com o programa do evento, o objetivo era “oferecer ao público brasileiro e internacional a oportunidade de troca de experiências e ideias dos mais renomados profissionais e estudiosos sobre o design” (Congresso Espaço Design, 1986). Foi oferecida uma diversificada programação de palestras, debates e cursos sobre design, bem como uma exposição com presença de expositores institucionais, representantes do design nacional e internacional. Também foi organizada uma área denominada *Bureau de Business*, com o objetivo de aproximar os designers dos empresários, abrindo espaço inclusive para fechamento de grandes negócios (Breviglieri, 1986). A iniciativa agregou o apoio de diversas instituições, dentre as quais podemos destacar a Associação de Desenhistas Industriais de São Paulo (ADISP), FIESP/CIESP – DETEC/NDI, Ministério das Relações Exteriores – Itamaraty e a Prefeitura Municipal de São Paulo, além de instituições de países como Japão, França, Alemanha e Itália. O evento teve grande repercussão na imprensa, que destacou sobretudo a presença do designer italiano Giorgio Giugiaro.

De acordo com Braga (2016b), apesar da recessão nos primeiros anos da década de 1980, os designers passaram a ocupar paulatinamente o mercado. O número de escritórios de design aumentou significativamente, sobretudo no Sudeste e nas principais capitais, no final dos anos 1980. Diante da conjuntura de eventos que estavam sendo promovidos para difundir o design, com participação de agentes da esfera governamental e da iniciativa privada, notadamente em São Paulo, o campo do design vivia um momento promissor, em termos de diversificação profissional e realização de eventos. No cenário político e econômico, em 1986 o Brasil vivia um momento de otimismo com o advento da Nova República e os primeiros efeitos do Plano Cruzado, em um cenário de crescimento positivo do Produto Interno Bruto (PIB) desde 1984, tendo alcançado taxa superior a 7% em 1985. A inflação ainda era alta, e em muitos setores industriais ocorria um atraso

literatura.

⁶ Em ofício assinado por Denise Mattar, Assessora cultural da Presidência do Conselho do museu, dirigida por Roberto Duailibi, e encaminhado ao Diretor do Departamento de Museus e Arquivos (DEMA), Zélio Alves Pinto, em setembro de 1985, é informada a intenção da instituição em lançar naquele mesmo ano um Prêmio de Design. No entanto, após extensa tramitação da proposta junto à Procuradoria Geral do Estado e instâncias internas de regulação da Secretaria da Cultura, foi apenas em junho de 1986 que a 1ª edição pôde ser realizada.

tecnológico da produção (Suzigan, 2016, p. 102); mas o consumo em meados da década seguia impulsionado por alguns segmentos da classe média brasileira (Mello, 2017, p. 199) e o design foi visto neste momento, por alguns setores produtivos, especialmente em São Paulo, como um fator para atribuir qualidade e competitividade aos produtos.

3 O Museu da Casa Brasileira e o surgimento do Prêmio Design MCB

O Museu da Casa Brasileira foi criado em 1970, com a denominação de *Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro*⁷, e teve seu nome alterado no mesmo ano para *Museu da Cultura Paulista – Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro*⁸. Em março de 1971, foi publicado um novo decreto que alterava novamente sua denominação, desta vez para *Museu da Casa Brasileira*, e definia mais claramente os objetivos da instituição:

Artigo 2.º - O Museu da Casa Brasileira tem por objetivo principal a reconstituição dos interiores das casas brasileiras, das origens até o presente, através da coleta, mediante compra, doação ou empréstimo de objetos de valor histórico, sociológico ou artístico, ligados à cultura brasileira, em especial, móveis, alfaias, talhas, trajes, joias, elementos iconográficos, demológicos e etnológicos de torêutica, artesanato, documentos, livros e papéis de qualquer natureza, que possa interessar ao estudo dos costumes brasileiros, classificando, catalogando, expondo e preservando o acervo assim formado (São Paulo, 1971, n.p.).

Ao longo dos anos, o museu passou por diversas transformações em seu escopo de atuação. Para Leon (2012), foram muitas as concepções em disputa e, a cada direção que assumia a instituição, uma noção diferente dos objetivos para o Museu era estabelecida. No período inicial, Ernani da Silva Bruno⁹, o primeiro diretor da instituição, buscou adotar uma perspectiva histórica e antropológica, voltada para o estudo da casa e dos equipamentos que a constituem. O perfil do gestor tendia a distanciar o Museu das artes decorativas, aproximando-o mais do perfil histórico e com características antropológicas e etnográficas. Para ele, as peças que viessem a compor o acervo deveriam documentar uma determinada época e refletir o valor documental e material da casa brasileira, e não serem escolhidas por representarem grandes acontecimentos, pessoas notáveis ou privilegiadas sob a perspectiva apenas das artes decorativas (Guerra, 2015). Um dos destaques da gestão de Silva Bruno foi a realização de um extenso levantamento e documentação de equipamentos, usos e costumes da casa brasileira¹⁰, bem como a realização dos chamados “Seminários Permanentes” – uma agenda semanal de palestras e debates, inicialmente destinada à equipe do Museu para estímulo ao estudo e à pesquisa em todos os níveis e setores. Posteriormente o evento foi aberto a estudiosos em geral, de modo a permitir que o museu se transformasse em um centro de convívio cultural.

Após o desligamento de Ernani Silva Bruno em 1979, a direção do museu foi assumida por Myriam Ellis, docente e pesquisadora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, e novos integrantes do Conselho Diretor foram empossados. De acordo com Leon (2012), as discussões na

⁷ Decreto-lei nº 246, de 29 de maio de 1970.

⁸ Decreto-lei nº 52.558, de 12 de novembro de 1970.

⁹ Ernani Silva Bruno se formou em Direito pela USP mas não chegou a exercer a função. Atuou no meio jornalístico e escreveu para diversos jornais, entre eles o Jornal da Manhã, o Estado de S. Paulo, a Folha da Manhã e o Diário de S. Paulo. Exerceu funções em diversos cargos públicos dentro do Governo do Estado de São Paulo. Atuou como diretor executivo do Museu da Casa Brasileira entre 1970 e 1979.

¹⁰ Ver Guerra (2015) para o detalhamento do projeto Fichário Equipamentos da Casa Brasileira, Usos e Costumes – Arquivo Ernani Silva Bruno.

gestão de Ellis se voltaram à perspectiva de um "museu casa"; e, por conta de seu estreito contato com o IEB, foram promovidos seminários, palestras e cursos em conjunto com o Instituto. Durante esse período, destacam-se os esforços para a manutenção da programação dos Seminários Permanentes, em parceria sobretudo com o IEB e outros departamentos da USP. Nota-se um entendimento diferente da vocação do museu, tendo sido organizadas atividades não apenas sobre o contexto brasileiro, mas também sobre diversas culturas e países. Além disso, as reflexões se estendiam para outras áreas do conhecimento, tais como literatura, estudos culturais, arte e música. Com relação às mostras temporárias, há registros em atas do Conselho de propostas de exposição de pinturas, gravuras, fotografias, esculturas e tapeçarias, o que gerou um certo embate com a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Neste período o Departamento de Museus e Arquivos (DEMA), dirigido pelo jornalista Zélio Alves Pinto, passou a atuar de forma mais efetiva e a interferir na programação, sendo possível identificar uma intenção de traçar um novo perfil para o MCB. Nas atas do Conselho Diretor do MCB, o termo "Desenho industrial" aparece pela primeira vez em 1983, quando discutiu-se a proposta para a realização de uma exposição de Desenho Industrial em 1984, que seria promovida pelo NDI/Fiesp em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. Embora tenha sido aprovada pelo conselho e a demanda tenha vindo da própria Secretaria, ao que tudo indica, a exposição não chegou a ocorrer no MCB.

Em meio a fortes críticas da direção do DEMA em relação ao que se configurava a programação do MCB no início dos anos 1980, a escolha de uma nova diretoria parece ter sido conduzida de modo a garantir a programação do museu sob outra perspectiva. A Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo era, desde 1984, conduzida por Jorge da Cunha Lima, que convidou Roberto Duailibi para assumir a diretoria técnica do MCB. De acordo Adélia Borges (1996),

(...) Zélio Alves Pinto havia definido uma tipologia para os museus paulistas, dentro da qual o MCB assumira o perfil de museu de design. Encarregado de implantar esse perfil, em 1985, o publicitário Roberto Duailibi foi convocado para ocupar a direção técnica do Museu. Duailibi levou para o cargo a capacidade empreendedora que havia tornado sua agência, a DPZ - aliás, vizinha ao Museu - uma das mais importantes do país (Borges; Saggese, 1996, p. 14).

Logo após assumir o cargo, Duailibi anunciou na primeira reunião do Conselho a intenção de realizar no segundo semestre de 1985 uma exposição sobre cadeiras e criar o Prêmio Museu da Casa Brasileira para o melhor design de móveis e objetos¹¹, dentre outras ações. De acordo com o dossiê organizado pela instituição,

Em 1985, a convite de Roberto Duailibi, Denise Mattar elaborou um projeto para o MCB direcionando o museu para se tornar um espaço de Design. Dentro desse novo espírito realizou-se em outubro de 1985 a exposição "Cadeira: Evolução e Design" [...]. A realização dessa mostra possibilitou um contato estreito com a área de Design, tanto com os artistas como com os fabricantes, e abriu as portas para a realização do 1º Prêmio Museu da Casa Brasileira de Design (Dossiê Prêmio Design Museu da Casa Brasileira 1986-1995, p. 2).

Apesar da intenção de lançar o Prêmio em 1985, foi possível apurar em documentação disponível no Arquivo Público do Estado de São Paulo que o processo de validação do regulamento junto à Secretaria de Estado da Cultura demorou mais que o previsto, e as programações tiveram que ser desvinculadas. A exposição "Cadeira: Evolução e Design" ocorreu em outubro de 1985, e a primeira edição do Prêmio Design foi realizada apenas em junho de 1986.

¹¹ Arquivo MCB. Ata de 26/06/1985.

4 Transformações no escopo do Prêmio Design MCB: do ambiente doméstico a ampliação para outras áreas de atuação do design

A primeira edição do Prêmio MCB ocorreu em 1986, contemplando inicialmente móveis, equipamentos domésticos e materiais de construção. Apesar do foco no ambiente doméstico, projetos do segmento de escritório foram inscritos e premiados na edição inaugural. O Computador Solution 16, projeto desenvolvido por Luciano Deviá e produzido pela Prológica, recebeu o prêmio na categoria de Equipamentos Domésticos; e a Cadeira Múltipla, descrita como “um sistema de cadeiras para escritório, auditório, salas de espera e estádios”, de Carlos Alberto Donato com produção da Fergo, foi premiada na categoria Móveis daquele ano, quando o segmento de escritórios ainda não havia sido formalizado como categoria no certame.

Figura 1 - Computador Solution 16. Projeto de Luciano Deviá e produzido pela Prológica. Prêmio na categoria Equipamentos Domésticos do 1º Prêmio Design MCB (1986).



Fonte: Borges e Saggese (1996)

Figura 2 - Cadeira Múltipla. Desenvolvido por Carlos Alberto Donato e produzido pela Fergo. Prêmio na categoria de móveis do 1º Prêmio Design MCB (1986).



Fonte: Borges e Saggese (1996)

De acordo com Denise Mattar, que atuou como coordenadora geral do MCB nas primeiras edições, após a realização do 1º Prêmio o júri identificou a falta de uma categoria que abarcasse o segmento de escritórios: “de repente você tinha que escolher entre um ótimo projeto de escritório e um ótimo projeto para casa... e qual é melhor?” (Mattar, 2023)

Assim, a categoria Móveis foi subdividida em Residenciais e Escritório, e foi criada uma categoria específica para Equipamentos de Escritório – alterações que estiveram vigentes, no entanto, apenas na 2ª edição (1987). Com a saída de Duailibi, Maria de Lourdes Janotti assume a diretoria técnica e novos conselheiros foram nomeados¹². A nova gestão realizou então um balanço

¹² O Conselho Diretor foi composto por: Maria de Lourdes Janotti (presidente), Ana Maria de Almeida Camargo, Anna

sobre qual deveria ser a vocação do museu, além de avaliar também a pertinência do Prêmio Design e a sua possível continuidade. Após análise que decorreu alguns meses, o conselho decidiu em julho de 1988 por manter o Prêmio, registrando em ata a seguinte resolução: “O prêmio deve permanecer, pois oferece a possibilidade de o Museu da Casa Brasileira enriquecer seu acervo com a coleção contemporânea” (Ata do Conselho Diretor do MCB, 27 de julho de 1988, p. 50).

Embora tenham enfatizado a possibilidade do Prêmio em contribuir com a ampliação do acervo de peças contemporâneas, cabe notar que também foram considerados pelos conselheiros os artigos publicados em revistas especializadas, e que estes haviam recebido com grande entusiasmo a iniciativa do MCB em viabilizar um Prêmio de Design – o que pode ter contribuído favoravelmente para a decisão do Conselho naquele momento. É provável que, diante do contexto de redefinição da vocação do museu e com o objetivo explícito de ampliar a coleção contemporânea por meio do Prêmio, o escopo tenha sido limitado ao ambiente da casa, excluindo dessa forma a recém-criada categoria para Escritórios. Além disso, no 3º Prêmio (1988), o adjetivo "residencial" foi incorporado à categoria que abarcava os móveis, passando a ser denominada Mobiliário Residencial. Com isso, o Prêmio do MCB definiu mais claramente o escopo de atuação pretendido, passando a abranger apenas o setor doméstico. Este fato gerou alguns questionamentos ao longo dos anos posteriores, com o júri sugerindo a reincorporação do segmento de escritórios em diversas edições, como por exemplo as recomendações feitas pelas comissões julgadoras do 7º Prêmio (1993), 12º Prêmio (1998) e 15º Prêmio (2001):

Quanto às categorias de inscrição, o júri recomenda que sejam melhor definidas, além de incluir uma categoria para mobiliário de escritório (Ata do Júri, Dossiê do 7º Prêmio Design MCB, 1993, n.p.).

Após o julgamento, os membros da comissão julgadora comentaram o resultado, avaliaram sua tarefa e formularam diversas sugestões para os organizadores do concurso. (...) foi sugerida a aceitação de mobiliário de escritório, por ser um segmento industrial que tem desenvolvido design próprio no Brasil e por ser cada vez mais comum seu uso em residências (home office) (Ata do júri, Dossiê do 12º Prêmio Design MCB, 1998, p. 21).

(...) a casa brasileira vem passando por transformações que precisam ser refletidas nas categorias do Prêmio e que possam incluir o design de softwares e aplicativos (aqueles que viabilizam serviços ligados à manutenção da casa); o mobiliário de escritório, considerando o aumento considerável de pessoas trabalhando em casa, entre outras (Carta aberta do Júri, Dossiê do 15º Prêmio Design MCB, 2001, p. 54).

Adélia Borges, além de ter participado da comissão do 7º e 12º Prêmios como jurada, figurava desde 1992 como Conselheira do museu. Em reunião do Conselho Diretor de setembro de 1998, defendeu o segmento da seguinte forma:

(..) qual é o conceito de habitar que a gente está tratando? Eu gostaria que este conceito incluísse não apenas a casa, mas também os outros espaços edificados que a gente habita. A gente passa muito tempo das nossas vidas em escritórios ou no local de trabalho. Quando o Prêmio da Casa Brasileira incluiu entre as suas categorias móveis e equipamentos para escritórios, ele atraiu uma presença maior de indústrias que tinham no design uma necessidade vital de diferenciação no mercado (Ata da reunião do Conselho Diretor do MCB, 1998, n. p.)

Mae T. Bastos Barbosa, Azis Simão, Guilherme Ferreira Lisboa Neto, Inês Etienne Romeu, Maria Ignez Zuccon Mantovani Franco, Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses e Yvonne Capuano. Nomeação pelo Decreto de 26 de janeiro de 1988.

Ao assumir a diretoria técnica do MCB em maio de 2003, Adélia Borges modificou a nomenclatura das categorias Mobiliário Residencial e Utensílios Domésticos, que passaram a se chamar apenas Mobiliário e Utensílios, ampliando dessa forma o escopo da premiação e buscando atrair designers que atuavam em outros segmentos. A ampliação do escopo do Prêmio para além do ambiente residencial a partir de 2003 também é bastante evidente na categoria Eletroeletrônicos, com destaque para a inscrição de projetos da área médico-hospitalar no certame. No 17º Prêmio (2003), um ventilador pulmonar utilizado em UTIs, projeto da Questto Design com produção da Intermed, foi classificado em 1º lugar na categoria. O mesmo escritório recebeu menção honrosa na edição seguinte, no 18º Prêmio (2004), com um equipamento para anestesia que reunia recursos de ventilação e administração de gases anestésicos, também produzido pela Intermed. Além disso, projetos para uso em estabelecimentos comerciais também passaram a ser contemplados nesta categoria. No 18º Prêmio (2004), um produto destinado à consulta de preços, voltado para operação em lojas, desenvolvido por Edson Dantas e produzido pela Itaotec Philco, recebeu menção honrosa. O projeto Check-out Station - Estação móvel para check-out de varejo, desenvolvido para ser acionado em momentos de grande fluxo em lojas, do escritório Índio da Costa Design e produzido pela Itaotec, recebeu o 1º lugar no 19º Prêmio (2005). Nos anos seguintes, outros projetos desenvolvidos para o ambiente comercial, corporativo e espaços públicos seguiram sendo premiados.

Figura 3 - Equipamento para anestesia InterLinea C. Desenvolvido pelo escritório Questto Design e produzido pela Intermed. Menção honrosa na categoria Equipamentos Eletroeletrônicos do 18º Prêmio (2004)



Fonte: Ferlauto e Borges (2006)

Figura 4 - Tira Teima Net. Projeto de Edson Danta, produzido pela Itaotec Philco. Menção honrosa na categoria equipamentos eletroeletrônicos do 18º Prêmio Design MCB (2004).



Fonte: Ferlauto e Borges (2006)

Em matéria publicada na revista *ArcDesign*, Maria Helena Estrada e Winnie Bastian, por ocasião da divulgação do resultado do 18º Prêmio (2004), questionaram se premiação de aparelhos hospitalares não seria "alargar demais o conceito de 'casa brasileira'" (Estrada; Bastian, 2004, p. 50).

Já em matéria publicada na revista *Projeto Design* sobre o resultado da edição seguinte, Renato Santomauro descreve a ampliação da abrangência da seguinte forma:

O resultado do 19º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira é emblemático do fato de que o design da casa não mais se restringe ao tradicional programa do morar. Além dos setores íntimo, de lazer e serviços, que tematizam os domínios materiais da habitação, uma série de objetos ligados a comportamentos individuais e coletivos, como práticas de varejo, design automobilístico e até cuidados médicos, integram a relação dos 14 premiados, 12 menções honrosas e outros 34 produtos (...) (Santomauro, 2005, p. 16).

No 18º Prêmio (2004) outra mudança no edital resultou em um alargamento do universo de premiados pelo museu: a criação da categoria Novas Ideias/Conceitos, destinada a projetos de caráter experimental de qualquer natureza, que atraiu 148 inscritos naquele ano. O automóvel 828, conhecido como Mini Dacon, desenvolvido por Anísio Campos nos anos 1980, foi reformulado em 2001 em conjunto com a equipe da Óbvio Design e recebeu o 1º lugar na categoria. Além disso, o projeto Automóvel Urbano 012, também desenvolvido por Anísio Campos e Equipe Óbvio, foi selecionado pelo júri para participar da exposição.

Embora a categoria Novas Ideias/Conceitos tenha sido criada para abarcar projetos de caráter mais experimental, atendendo a uma antiga reivindicação do júri – que via dificuldade em avaliar protótipos juntamente com produtos já disponibilizados no mercado –, na prática se mostrou uma oportunidade para inscrição de projetos dos mais variados segmentos do design que não estavam contempladas nas categorias já estabelecidas. Após premiação de um veículo no 18º Prêmio (2004), novos projetos ligados à indústria automobilística e de itens de locomoção foram inscritos e premiados nas edições seguintes. No 19º Prêmio (2005), o projeto de rodas esportivas desenvolvido pela Questto Design recebeu menção honrosa em Novas Ideias/Conceitos. No ano seguinte, no 20º Prêmio (2006), o projeto Ventura, um veículo híbrido para uso em terra/areia e água, desenvolvido por Sérgio Velloso, foi o premiado na categoria; e, em 2º lugar, o júri selecionou o Motolog, um compartimento para uso em motocicletas de entregas rápidas. No 21º Prêmio (2007), novamente um veículo foi contemplado. O Jipe Stark, projetado pela Questto Design e produzido pela TAC - Tecnologia Automotiva Catarinense, recebeu a Menção Honrosa. É possível notar que os designers que atuavam nesse segmento viram no Prêmio Design uma oportunidade para divulgar seus projetos. Somado a isso, Stephan (2024b) destaca que no início dos anos 2000 havia uma grande quantidade de cursos livres de design automobilístico, e algumas faculdades passaram a inserir a disciplina com esta temática da mobilidade em suas grades. A própria instituição também estava atenta ao que vinha ocorrendo no campo profissional. Desta forma, no 19º Prêmio (2005), o Conselho Diretor do MCB homenageou a Volkswagen pelo desenvolvimento do automóvel Fox, desenhado por profissionais brasileiros.

Segundo Levi Girardi (2024), embora houvesse diversos certames internacionais para a inscrição de projetos deste tipo, como o iF Design Award, o Prêmio do MCB era o único no país naquela época. Girardi também aponta que a criação de uma categoria específica para Transportes no MCB demorou a ser implementada, considerando que a produção automobilística brasileira já era consistente desde os anos 1960 (Girardi, 2024).

Figura 5 - Automóvel Urbano 828/2. Redesenho por Anísio Campos e Equipe da Obvio Design, produção Obvio! Automóveis. 1º lugar na categoria novas ideias/conceitos do 18º Prêmio Design MCB (2004).



Fonte: Ferlauto e Borges (2006)

Quando assumiram a gestão do MCB em 2007, Miriam Lerner e Giancarlo Latorraca viabilizaram algumas alterações no Prêmio. Na 22ª edição (2008) a categoria Novas Ideias/Conceitos foi descontinuada, e os projetos experimentais voltaram a ser avaliados dentro de cada uma das categorias existentes. Segundo a percepção de Giancarlo Latorraca (2024), havia um equívoco na categoria que "ora incorporava projetos já finalizados, ora novas ideias em ebulição. Dessa forma, gerava muita confusão e acabava não atendendo". Da mesma forma, Miriam Lerner (2024) considera que a categoria se mostrou inviável, pois aglutinava projetos de naturezas distintas e dificultava o trabalho dos membros do júri. Embora houvesse parâmetros gerais para a análise dos projetos, essa categoria, em específico, exigia critérios próprios. Braga (2016) também afirma que o júri encontrava dificuldades para avaliar os projetos nesta categoria, dada a variedade e abrangência dos projetos submetidos. É possível que o número elevado de propostas, somado à diversidade e à incomparabilidade de alguns projetos, tenha contribuído para que as modalidades de protótipos fossem reintegradas às categorias existentes, o que facilitaria a avaliação por parte do júri.

Para acomodar os projetos ligados à mobilidade que haviam conquistado um espaço significativo na premiação, foi criada uma categoria específica denominada Equipamentos de Transporte. Nota-se que esta mudança foi impulsionada sobretudo por demanda dos próprios profissionais, que submeteram projetos deste segmento mesmo antes da oficialização de uma categoria própria para isso. Para o júri envolvido no processo de criação da nova categoria, era importante ressaltar que não se tratava apenas de automóveis, mas sim de um conceito mais amplo de mobilidade (Stephan, 2024). Assim, no edital do 22º Prêmio (2008) a categoria foi detalhada da seguinte forma:

Equipamentos de Transporte

Esta categoria abrange todo e qualquer objeto que permita a mobilidade no que diz respeito ao transporte de pessoas e cargas, tais como, mas não apenas, bicicletas, automóveis, motocicletas, embarcações, aeronaves, cadeiras de rodas, triciclos, veículos de recreação, empilhadeiras (Regulamento do 22º Prêmio MCB, 2008).

De acordo com Braga (2016), o crescimento do consumo de setores como o de embarcações modernas, pequenos veleiros e veículos de pequena produção motivou a criação da categoria. O projeto Windcat 37, desenvolvido pela Seacraft Marine, inscrita e premiada no 24º Prêmio (2010), se enquadra nesta tipologia de projeto, bem como a embarcação Intermarine 48 Offshore, destinada a deslocamentos rápidos e de curta distância, produzida pela Intermarine Yachts, que recebeu menção honrosa no 28º Prêmio (2014).

Figura 6 - Intermarine 48 Offshore, desenvolvido por Viviane Nicoletti e Matheus Santiago e produzido pela Intermarine Yachts. Menção honrosa na categoria Equipamentos de Transporte no 28º Prêmio Design MCB (2014).



Fonte: Museu da Casa Brasileira (2014).

Embora grandes empresas tenham participado do Prêmio neste segmento, tais como Agrale e Fiat, o número de inscritos em Transportes foi significativamente baixo se comparado às outras categorias, como Mobiliário e Iluminação. Entre a 23ª e a 34ª edição (2009 a 2021), o total de inscritos nesta categoria girou em torno de 2%; enquanto Mobiliário, a que mais atraía inscritos, representou cerca de 48% das participações. Entretanto, mesmo com baixa representatividade numérica, a categoria não foi excluída pelos organizadores e seguiu na estrutura do certame.

Figura 7 - Caminhões Agrale 2012. Desenvolvido pela Questto Design (Levi Girardi e equipe).
 1º lugar na categoria Equipamentos de Transporte no 25º Prêmio Design (2011).



Fonte: Giorgi Junior (2011).

5 Considerações finais

Antes da criação do Prêmio Design MCB em 1986, outras premiações de design haviam sido promovidas no país desde os anos 1960, como apontado por Braga (2016b). Nos anos 1980, destacou-se o Concurso Nacional de Desenho Industrial - Aloísio Magalhães, uma iniciativa promovida pelo CNPq em parceria com o NDI/FIESP. Já na década de 1990, as duas edições da Bienal Brasileira de Design, realizadas em 1990 e 1992 em Curitiba, ofereceram premiações tanto de produtos quanto de design gráfico, abrangendo mais de 30 categorias de projeto para mapear a produção nacional de design. De acordo com Braga (2016b), apesar de bem-sucedida, essa iniciativa de promoção do design foi descontinuada, aparentemente devido às mudanças nas gestões governamentais subsequentes, que alteraram a forma de apoio à realização de eventos. As iniciativas de premiações interrompidas podem ter incentivado designers, jurados ou concorrentes a se envolverem ativamente com o Prêmio Design MCB, colaborando com a construção e manutenção do certame. O engajamento desses profissionais, que se sentiram representados e atribuíram relevância ao Prêmio, possivelmente garantiu sua promoção contínua em uma instituição pública, mesmo diante das frequentes trocas de gestão governamental ou administrativa.

Apesar do Prêmio Design MCB ter ampliado seu escopo com o passar dos anos, ele permaneceu focado na avaliação de poucas categorias de design de produtos e muitas vezes atrelado à identidade da instituição, o que pode ter deixado lacunas para o campo do design em outros segmentos. A realização de uma premiação de design com amplo escopo em 1990 e 1992, promovida pela Bienal Brasileira de Design, pode ter estimulado a discussão sobre a revisão do escopo do próprio Prêmio do museu. Observa-se que até a 6ª edição (1990) as categorias do MCB permaneceram praticamente inalteradas, contemplando os segmentos de móveis, equipamentos domésticos e materiais de acabamento. Após interrupção no ano de 1992 devido a uma reorganização administrativa, o Prêmio foi retomado na 7ª edição (1993) com a inserção de duas novas categorias: Equipamentos de Construção e Têxteis e Revestimentos. Dois anos mais tarde, no 9º Prêmio (1995), Iluminação e Eletroeletrônicos passam a fazer parte da estrutura; e na 10ª edição (1996) foi criada uma categoria para contemplar a produção teórica. A ampliação do escopo do prêmio na 17ª edição (2003) para além do morar contribuiu para o aumento de participações, com 333 inscritos (contra 275 no ano anterior). Evidenciava-se uma demanda latente de outras frentes de atuação dos designers que não estavam até então contempladas no Prêmio do MCB. Todas essas transformações refletem de alguma forma as demandas que foram sendo identificadas pela instituição, ou colocadas em pauta pelos próprios designers, seja na condição de jurados ou como competidores.

Cabe ressaltar que as comissões julgadoras tiveram contribuições fundamentais para a construção do Prêmio Design MCB, pois de certa forma atuaram como porta-vozes do campo profissional e acadêmico. Assim como descrito por Braga (2016b),

Devemos lembrar que o júri, ao longo da trajetória do Prêmio Design MCB, foi constituído por designers e agentes ativos do campo do design. Por meio da autonomia delegada ao corpo de jurados, mesmo que seguindo os critérios de avaliação previamente definidos pela organização da premiação, fizeram escolhas que em certas dimensões se guiaram também por suas filiações às ideias e aos conceitos sobre o design (Braga, 2016b, p. 90).

A discussão sobre o que seria pertinente ao programa do morar na contemporaneidade contribuiu para a indicação de outros setores de projeto a serem inseridos na premiação, em um primeiro momento. Posteriormente esse debate foi ampliado, passando-se a discutir qual produção brasileira de design deveria ser contemplada pelo Prêmio do MCB. Os designers competidores, ao inscreverem projetos que tensionavam os limites estabelecidos pelo edital, contribuíram, ainda que indiretamente, para muitas das atualizações que foram viabilizadas pela instituição.

A conclusão de nossa análise em relação às mudanças, suas causas e motivações, se aproxima das observações de Braga (2016b) de que o Prêmio se desenvolveu com grande influência e participação dos designers, que contribuíram para a expansão do escopo do certame, para que o campo do design fosse melhor contemplado e representado – seja por meio do aumento das categorias de produtos para além do contexto da casa, seja pela inclusão de projetos de estudantes ou projetos experimentais. No entanto, ainda persiste uma certa divergência de opiniões quanto ao papel que o Prêmio do MCB desempenha para a instituição e para o campo profissional: deve o Prêmio ser uma iniciativa estritamente vinculada à temática e vocação estabelecidas pelo museu, diretamente ligadas ao universo das casas brasileiras? Ou deveria se posicionar como uma premiação abrangente de design? Da forma como se configura atualmente, o Prêmio Design MCB parece atender parcialmente ambos os caminhos, sem definir com clareza um eixo central de concepção. Por um lado, ainda mantém suas raízes em algumas categorias de produtos que tradicionalmente dialogam, até certo ponto, com a temática da casa. Por outro lado, busca expandir suas fronteiras, como demonstrado pela criação de uma categoria dedicada ao segmento de Transportes e pela inclusão de projetos médico-hospitalares e artefatos para uso comercial ou

corporativo. No entanto, ainda não alargou o escopo para abarcar áreas como o design gráfico, de interfaces ou de serviços, mantendo um foco mais restrito do que seria possível.

Caso ocorra uma retomada e continuidade do certame nos próximos anos, será necessário que a instituição defina e apresente com mais clareza se buscará ampliar as categorias, a fim de aumentar a representatividade perante a produção de Design no país; ou se preferirá alinhar o escopo da premiação à identidade do museu, ou seja, dedicar-se estritamente às questões da morada brasileira.

6 Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

7 Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BARROS, José D'Assunção. **Sobre a feitura da micro-história**. Revista OPSIS, vol. 7. n. 9, p. 167-185, 2007

BREVIGLIERI, Robson. **Chega ao Brasil o mestre do design de automóveis**. Folha de S. Paulo, 20 jul. 1986.

BRAGA, Marcos da Costa. **ABDI e APDINS-RJ**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2016a.

BRAGA, Marcos da Costa. O lugar e o papel do Prêmio Design Museu da Casa Brasileira. In: MELO, C. H. de; SANTOS, M. C. L. dos; BRAGA, M. da C. (Org.). **30 anos: Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Olhares, 2016b, v. 1, p. 49-92.

BORGES, Adélia; SAGGESE, Antonio. **Prêmio Design Museu da Casa Brasileira: 1986-1996**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1996.

CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI**. Rio de Janeiro, FGV, 2009.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Coleção Ciências Sociais. São Paulo: Vozes, 2012.

CONGRESSO ESPAÇO DESIGN. **Programa do Congresso**. São Paulo: Grupo Panorama, 1986.

ESTRADA, Maria Helena; BASTIAN, Winnie. **Premiar o quê? E por quê? 18º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. Revista ArcDesign, n. 40, p. 50-56, jan-fev/2005.

FERLAUTO, Claudio; BORGES, Adélia (Coord.). **16º ao 20º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2006.

FOLHA DE S.PAULO. **O último dia de Tradição e Ruptura**. Folha de S. Paulo, São Paulo. 31 jan. 1985. (Caderno Ilustrada).

GIORGI JUNIOR, Giorgio. **21º a 25º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2011.

GIRARDI, Levi. **Entrevista remota concedida a Meire Assami Yamauchi**. São Paulo, 27 fev. 2024 (1h03min).

GUERRA, José Wilton Nascimento. **O Projeto de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases**

de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979). Dissertação (Mestrado em Museologia) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

KOVADLOFF, Hugo. **Entrevista remota concedida a Meire Assami Yamauchi**. São Paulo, 15 set. 2022. (52min).

LATORRACA, Giancarlo Salvador. **Entrevista remota concedida a Meire Assami Yamauchi**. São Paulo, 26 mar. 2024 (1h29min).

LEON, Ethel. IAC. **Design em Exposição**: o design no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1968-1978), na Federação das Indústrias de São Paulo (1978-1984) e no Museu da Casa Brasileira (1986-2002). Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LERNER, Miriam. **Entrevista remota concedida a Meire Assami Yamauchi**. São Paulo, 21 fev. 2024 (36min)

LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-História. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

MATTAR, Denise. **Entrevista remota concedida a Meire Assami Yamauchi**. São Paulo, 29 set. 2023 (1h03min)

MENDONÇA, Sonia Regina, FONTES, Virgínia Maria. **História do Brasil Recente**: 1964-1992. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MELLO, Fernanda Lino. Design de Embalagem: o pioneirismo da Seragini/Y&R. *In*: BRAGA, Marcos da Costa; FERREIRA, Eduardo Camillo Kaspavicius (Orgs.) **Histórias do Design no Brasil III**. São Paulo: Annablume, 2017. p.193 - 214.

MESTRINER, Fabio. **Entrevista remota concedida a Meire Assami Yamauchi**. São Paulo, 22 set. 2022 (49min)

MINDLIN, José E. Desenho Industrial: reflexo da indústria. *In*: TRADIÇÃO E RUPTURA. **Catálogo de exposição**. São Paulo: Fundação Bienal de SP/FIESP-CIESP. 1984.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. **Ata do Conselho Diretor do Museu da Casa Brasileira**. Arquivo MCB. 4º Livro ata. Período de 11/06/1986 a 08/06/1987.

_____. **Ata do Conselho Diretor do Museu da Casa Brasileira**. Arquivo MCB. 5º Livro ata Período de 24/11/1987 a 20/12/1988.

_____. Ata do Júri 7º Prêmio Design MCB. *In*: **Dossiê 7º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. Arquivo Secretaria de Estado da Cultura (Acervo Arquivo Público do Estado de São Paulo, São Paulo). 19 de novembro, 1993

_____. Ata do Júri 12º Prêmio Design MCB. *In*: **Dossiê 12º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. Acervo Arquivístico Histórico Institucional (Acervo Museu da Casa Brasileira, São Paulo). 13 de outubro, 1998

_____. Ata do Júri 15º Prêmio Design MCB. *In*: **Dossiê 15º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira**. Acervo Arquivístico Histórico Institucional (Acervo Museu da Casa Brasileira, São Paulo). 18 de setembro, 2001

_____. **Dossiê Prêmios Design Museu da Casa Brasileira 1986-1995**. Acervo Arquivístico Histórico Institucional (Acervo Museu da Casa Brasileira, São Paulo). [1995?]

- _____. **Catálogo do 28º Prêmio Design MCB.** São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2014.
- _____. **Catálogo do 30º Prêmio Design MCB.** São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2016.
- NEVES, Lucília de Almeida. **Memória e história: potencialidades da história oral.** ArtCultura, v. 5, n. 6, p. 27-38, 2003.
- PERRONE, Carlos. **Entrevista presencial concedida a Meire Assami Yamauchi.** São Paulo, 22 set. 2022. (1h 15min)
- SANTOMAURO, Renato. **19º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira.** Revista Projeto Design, n. 309, p. 16, nov. 2005.
- SÃO PAULO (Estado). **Decreto-Lei nº 246, de 29 de maio de 1970.** Dispõe sobre a criação do Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro. São Paulo, 1970a. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/49499>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- _____. **Decreto-Lei nº 52.558, de 12 de novembro de 1970.** Dispõe sobre a organização e o funcionamento do Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro e altera sua denominação para Museu da Cultura Paulista - Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro. São Paulo, 1970b. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/80798>. Acesso em: 28 jan. 2022.
- _____. **Decreto-Lei nº 52.668, de 1 de março de 1971.** Dispõe sobre mudança de denominação de unidades e dá providências correlatas. São Paulo, 1971. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/81963>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- _____. **Decreto nº 20.955,** de 1 de junho de 1983. Reorganiza a Secretaria de Estado da Cultura. São Paulo, 1983. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=57442>. Acesso em: 23 maio 2024.
- _____. **Resolução 30 da Secretaria da Cultura,** de 1-8-86. Instituinto o Certificado "Marca do Bom Desenho" a ser concedido a produto industrial. Diário Oficial do Estado, 02 ago. 1986.
- STEPHAN, Auresnede Pires. Designers em formação. *In:* Leal, Joice (org). **Um olhar sobre o design brasileiro.** São Paulo: Objeto Brasil / Instituto UNIEMP / Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- _____. **Entrevista presencial concedida a Meire Assami Yamauchi.** São Paulo, 08 mar. 2024 (1h28min)
- SUZIGAN, Wilson. **A indústria brasileira após uma década de estagnação: questões para política industrial.** Economia e Sociedade, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 89-109, 1992.
- TEPERMAN, Milly. Os Caminhos do Design no Brasil. *In:* LEAL, J. (Org). **Um olhar sobre o design brasileiro.** São Paulo: Objeto Brasil / Instituto UNIEMP / Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- TRADIÇÃO E RUPTURA. **Catálogo de exposição.** São Paulo: Fundação Bienal de SP/FIESP-CIESP. 1984.
- WISSENBACH, Vicente (Ed.). **Revista Design & Interiores, n. 1.** Suplemento encartado na Revista Projeto, n. 100. São Paulo: Projeto Editores Associados, jun. 1987.